

## Continua num Próximo Número

---

Após efectuar a avaliação de dezanove escolas do ensino secundário, a IGE "descobriu" que as escolas relacionavam o sucesso com a existência de "lotes" de "bons alunos" ou a existência de "explicações" e que os professores imputavam o insucesso dos alunos à sua origem sociocultural, à sua falta de preparação no ensino básico, ou... à falta de formação dos professores! Posto isto, recomendou que a avaliação dos alunos passasse a ser sistemática e incidisse, não apenas na componente cognitiva, mas também nas componentes ligadas às atitudes, valores, capacidades. Olha a novidade!...

A IGE confirmou o óbvio, isto é, que predomina o método expositivo, a disposição dos alunos em filas, voltados para o quadro, estando a intervenção dos alunos limitada à resposta a questões colocadas pelo professor. Refere ainda a IGE que, no decurso da avaliação, "não foi visível a existências de estratégias específicas para potenciar a aprendizagem dos alunos com ritmos mais lentos" (dito em linguagem dura e pura, quem não acompanhar o ritmo do professor, que se desenrasque ou pague a um explicador). Conclui que as práticas de ensino vigentes beneficiam "alunos que acompanham, sem grandes dificuldades, ritmos intensos de leccionação" e que a preocupação maior é a de preparar os alunos para fazer exames..

Aqui chegado, julgo ser do mais elementar bom senso tentar desanuviar o texto. A intuição diz-me que ainda poderá acabar mal, se não recorrer a uma imediata e expedita saída pelo lado do contar histórias.

### Mais duas histórias, para variar

I - Naquele tempo, já não havia necessidade de ir até à sede do concelho fazer exame da quarta classe. Mas, como sabemos, os hábitos têm fundas raízes e ainda havia uma outra sorte de provas a prestar em cada escola. Eram dois os professores que "davam a quarta". Um era moço e inexperiente. A outra era mulher na casa dos sessenta de idade e levava de vantagem quarenta anos de brilhantes avaliações de desempenho que lhe conferiam fama de boa professora. Fazia alarde da auréola e gabava-se de que qualquer aluno que levasse a exame só poderia de lá sair aprovado com distinção.

De tão rigorosa e cumpridora, também seguia à risca a percentagem estabelecida de reprovações. Em consonância com os ideólogos do regime há pouco deposto, postulava que "nem todos podiam dar doutores". E, do alto da experiência, dava como exemplo o caso do Toino Bica que, já entrado nos doze, passava as aulas a dormir na "fila dos burros".

Pelo final de Junho, a professora já tinha o exame preparado, mas teve para com o colega uma gentileza inédita, talvez inspirada pelo clima democrático em que ainda se vivia: "O colega não quer acrescentar qualquer coisa à prova?"

O colega quis. O poema do Torga que encimava o teste estava semeado de fabulosas imagens e falava de amor e a meia dúzia de perguntas que viu gravadas no "stencil" somente visavam respostas directas do tipo: Onde estava o x? O que tinha feito o y? Quem tinha visto o z? Para não tornar o interrogatório demasiado longo, apenas lhe acrescentou uma questão.

Como todas as provas que se prezam, esta começou pela leitura e interpretação do texto. Os alunos enfronharam-se nas ditas. Mas, volvidos alguns minutos, um após outro, todos os alunos da professora cumpridora e experiente suspenderam a escrita. Ora coçavam a cabeça, ora manifestavam outros sinais de impaciência e angústia. O professor novo e inexperiente apercebeu-se de que haviam esbarrado na pergunta número sete. E não ousavam passar-lhe à frente, porque a senhora professora era exigente e tinha avisado que não poderiam deixar qualquer das perguntas para trás, sem resposta.

Quase todos os putos do professor moço e inexperiente já estavam quase a acabar a redacção de vinte linhas e tópicos obrigatórios, quando algumas lágrimas já assomavam nos olhos suplicantes de alguns dos ótimos alunos da velha e experiente professora. O professor não se conteve. Foi junto de cada um e sussurrou-lhes uma qualquer mensagem ao ouvido, que os deixou aliviados e lhes permitiu desencilhar o raciocínio.

Acrescente-se que a sétima das questões era imperativa e rezava assim: "Depois de leres este bonito poema, diz o que é, para ti, o amor."

II - Os azares da vida levaram a Mirinha a frequentar uma escola na qual não era hábito fazer-se testes simultâneos e iguais para todos os alunos. Por esta e outras razões, a pequena não desenvolveu as mais elementares competências "transversais" do desenrasca académico, entre as quais avulta a arte de bem copiar todo o teste.

Claro que, pelo fim do último ano de estadia na "primária", ainda lhe deram (sob a forma de jogo) a possibilidade de penetrar os mistérios do estranho mundo dos testes e aceder aos estranhos rituais que os acompanham.

Mas a pequena não conseguia perceber por que razão o teste a mandava escrever o que o personagem da história tinha visto, se a resposta estava escarrapachada no corpo do texto e à vista de toda a gente. O seu apurado senso crítico levava-a a considerar que a cópia das frases constantes do texto se constituía num desperdício de tempo e de tinta. A certa altura do jogo, quis saber porque estava o professor ali estava especado, porque não ia para outro

sítio fazer algo de útil. Quando o professor lhe respondeu que, na escola para onde ela iria no ano seguinte, era hábito haver um professor a vigiar os alunos enquanto estes faziam testes, a Mirinha perguntou: "Para quê?" Decorridos quatro anos, a Mirinha frequentava o oitavo ano e lá se ia safando entre um três e um quatro na pauta. Por uma questão de princípio (ou porque a aprendizagem de uma determinada atitude se tinha processado na "primária"), não incorria naquilo que começara a classificar de "deslealdade". Até que, um dia, chegou a casa visivelmente incomodada e a mãe quis saber o porquê da arrelia. Ao cabo de algumas insistências, a Mirinha lá desembuchou: Hoje, tive teste. A meio, professora foi chamada ao telefone, acho eu. E quando voltou, percebeu que muita gente tinha copiado. Vai daí, disse que nos ia tirar dez pontos a todas. A todas? ? perguntou a mãe, surpreendida. Sim, a todas! ? confirmou a Mirinha. Não me digas que tu também... ? insistiu a incrédula progenitora. Não! Que eu saiba, fui a única que não copiou! ? retorquiu peremptória a jovem. E, então? Não percebo! Não sabias dizer à professora? - devolveu-lhe a mãe. Oh mãe, e tu achas que a professora ia acreditar em mim?

Continua num próximo número

Escreveu o meu bom amigo Ademar: *"Dir-me-ão os românticos (que ainda os há) que só uma práxis pedagógica perversa, imbuída de uma lógica judicialista primária, transformou uma avaliação que deveria ser permanente e eminentemente formativa (educativa) numa penosa sucessão de actos litúrgicos (...). Dir-me-ão os românticos (que ainda os há) que os tribunais não cabem nas escolas e que os professores que se assumem como julgadores onnipotentes e omniscientes da culpa ou do mérito dos outros estão na profissão errada. Mas..."*

(A moral das histórias fica guardada para um próximo número, se lá chegarmos)

**José Pacheco**

Escola da Ponte / Vila das Aves